

## ALGUNS ASPECTOS DA HISTORIOGRAFIA PAULISTA

Odilon Nogueira de MATOS

As mais antigas fontes para o estudo da história de São Paulo, que remontam ao primeiro século (XVI) não foram tão logo postas ao alcance dos pesquisadores. Referimo-nos à documentação de origem jesuítica, constantes de cartas, informações, relatórios, enfim tudo o que os discípulos de Santo Inácio se viam na necessidade de escrever a fim de dar conta aos superiores da Ordem, de suas atividades no Brasil.

Esse riquíssimo manancial de informações do mais alto interesse para o conhecimento da vida íntima dos primeiros tempos de São Paulo, só começou a se tornar conhecido em fins do século passado, por iniciativa de Alfredo Vale Cabral e Capistrano de Abreu. Os três volumes então publicados foram reeditados pela Academia Brasileira de Letras nos anos de 1931 e 1933, na seguinte ordem: 1. Cartas de Nóbrega; 2. Cartas avulsas (de vários missionários); e 3. Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões de José de Anchieta.

Alguns anos mais tarde (1940), por iniciativa do Padre Serafim Leite, o mais conhecido historiador dos jesuítas no Brasil, apareceu novo volume, em complemento àqueles editados pela Academia Brasileira, contendo “Novas cartas jesuíticas”. E bem mais tarde (1954), numa edição comemorativa do quarto centenário da cidade de São Paulo, o mesmo padre Serafim Leite promoveu a publicação de mais três alentados volumes, contendo “Cartas dos primeiros jesuítas”.<sup>1</sup>

---

<sup>(1)</sup> O volume **Novas cartas jesuíticas, de Nóbrega a Vieira**, encontra-se publicado na coleção “Brasiliiana” (vol. 194), da Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1940. Quanto às **Cartas dos primeiros jesuítas**, foram editadas numa coleção oficial instituída pela Comissão do Quarto Centenário de São Paulo, e na qual se encontram diversos títulos de interesse para a história paulista.

Convém lembrar que as pesquisas em torno da documentação jesuítica não se encerraram, como o provam os volumes publicados pelo saudoso Padre Hélio Abranches Viotti, que continua, no Brasil por muitos anos a grande obra iniciada por Serafim Leite.<sup>2</sup>

Com relação a Fernão Cardim, que com Nóbrega e Anchieta, constitui a trindade dos grandes informantes da Companhia de Jesus, seus três trabalhos – **Narrativa epistolar, Tratado do clima do Brasil e Sobre a origem dos índios brasileiros** –, embora publicados isoladamente no século passado, só neste século (1925) foram reunidos para formar o volume que atualmente se conhece com o título de **Tratados da terra e da gente do Brasil**.<sup>3</sup>

Uma das primeiras descrições de São Paulo é a que se deve a D. Luís de Cespedes Xeria, governador do Paraguai, que à vila de Piratininga chegou em junho de 1628. Em memorável jornada, desceu o Tietê, depois o Paraná até o salto do Guaira, donde partiu para o Paraguai a fim de tomar posse do governo para o qual fora nomeado. Deve-se-lhe o mais antigo documento iconográfico que se conhece sobre São Paulo e que tem sido divulgado numerosas vezes, inclusive em capas de livros.<sup>4</sup>

Texto assás significativo e até mais antigo para os primeiros tempos paulistas é o relato do alemão Ulrico Schmidt, que, vindo do Paraguai, passou pelo planalto paulista antes da própria fundação de São Paulo, deixando curiosa notícia (a única que se tem) da primitiva vila de Santo André da Borda do Campo, donde desceu a serra com destino a Santos, seguindo, depois, para a Europa. Não nos esqueçamos de que a localização dessa vila – a grande cidade de Santo André dos nossos

---

<sup>2</sup> **A Monumenta Anchieta**, obras completas de Anchieta que vem sendo publicadas pelo Pe. Hélio A. Viotti, deverá compreender 18 volumes (São Paulo, Loyola). Um dos últimos (o 6º) encerra a correspondência ativa e passiva do jesuíta.

<sup>3</sup> Cardim, Fernão – **Tratados da terra e da gente do Brasil**. Intr. e notas de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. Rio de Janeiro, J. Leite, 1925. Reeditado em 1939 e em 1978 na coleção "Brasiliana" (v. 168), da Cia. Editora Nacional e em 1980 na coleção "Reconquista do Brasil" (nova série, vol. 13), da Editora Itatiaia, de Belo Horizonte.

<sup>4</sup> Em **Na era das bandeiras** (São Paulo, Melhoramentos, 1922), Taunay dedica vários capítulos e viagem de Céspedes y Xeria.

dias – pioneira no povoamento do planalto, constituiu sério desafio aos estudiosos do passado paulista no início do século.<sup>5</sup>

Da grande expansão bandeirante dos séculos XVII e XVIII quase nada ficou escrito. Os dois volumes publicados por Afonso de Taunay, em 1954, reunindo “relatos sertanistas” e “relatos monçoeiros”, embora com textos valiosos, constituem muito pouco como reflexo de um dos maiores movimentos de devassamento de terras em toda a história da humanidade. A rigor, nem os roteiros das bandeiras se conhece com precisão. Sabe-se os locais por elas alcançados, mas não se sabe por onde foram. Eis porque Afonso de Taunay ao elaborar a belíssima “carta geral das bandeiras paulistas”, que ornamenta uma das salas deste Museu, não teve condições de indicar senão os lugares por elas atingidos, sem a menor preocupação de reconstituir seus roteiros.

Isso chamou a atenção do grande geólogo Orville Derby, que viveu em São Paulo em fins do século passado, criando a nossa Comissão Geológica e Geográfica e interessando-se igualmente pela história paulista, como o demonstram os diversos trabalhos que a respeito publicou. Interessou-se ele particularmente pelo roteiro das antigas bandeiras, numa tentativa de reconstituí-los, bem como trabalhar numa espécie de geografia retrospectiva que lhe permitisse conhecer a paisagem paulista de outrora, assunto que também interessou a Teodoro Sampaio, outro grande estudioso da história paulista, autor de modelar ensaio sobre **O sertão antes da conquista**. Mas ambos – Derby e Sampaio – nada conseguiram – ou conseguiram muito pouco – na idéia de uma geografia retrospectiva.<sup>6</sup>

<sup>(5)</sup> Kloster/Sommer – **Ulrico Schmidel no Brasil quinhentista**. São Paulo, Sociedade Hans Staden, 1942.

<sup>(6)</sup> Os dois volumes mencionados – **Relatos sertanistas e Relatos monçoeiros** – preparados por Afonso de Taunay, foram editados pela antiga Editora Martins, na preciosa coleção “Biblioteca Histórica Paulista”, em 1954 e reeditados algumas vezes. – Uma relação completa dos trabalhos de Derby sobre a história paulista pode ser encontrada em “Notícia Bibliográfica e Histórica”, nº 1, Campinas, março de 1969. A maior parte deles encontra-se publicada na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo”. Assim também, os de Teodoro Sampaio. Para este autor, ver **São Paulo na obra de Teodoro Sampaio**, de nossa autoria, em “Revista da Academia Paulista de História”, nº 1: 54-75. São Paulo, 1981. **O sertão antes da conquista**, publicado originalmente na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo”, v. 5, foi reimpresso no volume **São Paulo no século XIX e outros ciclos históricos**, Petrópolis, Vozes, 1978.

A não existência de imprensa, sequer de tipografia, no Brasil, durante o longo período colonial, impossibilitou a publicação de livros. Alguém que o quisesse fazer, teria que ir a Portugal cuidar da impressão do que tivesse escrito, coisa que, na verdade, pouca gente podia fazer dada a dificuldade e o alto custo das viagens. Eis porque a maior parte do que se escreveu sobre o Brasil no período colonial (e foi muito) não pôde ser publicado na época. Trabalhos importantes, como os que conhecemos hoje, só vieram a público a partir do século passado, muitos outros só neste século e muitos, ainda, permanecem inéditos.

Há, contudo, algumas exceções e dentre elas é com prazer que registramos o nome de Frei Gaspar da Madre de Deus, que teve o privilégio de ver publicado, em 1797, seu livro sobre a história da capitania de São Vicente. Tornou-se, assim, Frei Gaspar (1715-1800) o primeiro historiador paulista a ter um livro publicado.<sup>7</sup>

Menos sorte teve seu primo, Pedro Taques de Almeida Pais Leme (1714 - 1774), que também teve condições de ir a Portugal a fim de proceder a pesquisas para seus trabalhos sobre a história paulista, mas o fados foram-lhe adversos. Encontrava-se em Lisboa quando sobreveio o terremoto de 1º de novembro de 1755, que praticamente destruiu a capital portuguesa. No desastre, perdeu todos os seus haveres, inclusive os manuscritos que vinha elaborando. Em extrema pobreza, não lhe restou senão voltar para o Brasil, onde conseguiu obter um cargo público de certo nível, mas nele não foi muito feliz, acusado, inclusive, de atos desonestos. O que importa, porém, é que, com incrível tenacidade, conseguiu Pedro

---

<sup>(7)</sup> **Madre de Deus, Frei Gaspar da – Memórias para a história da Capitania de São Vicente, hoje chamada de São Paulo, do Estado do Brasil.** Lisboa, Academia Real das Ciências, 1797. 242p.. Reeditada em 1847 por F.A. de Varnhagen (Rio de Janeiro, Tip. de A. de Freitas Guimarães). **Terceira edição** promovida por Taunay (São Paulo, Weiszflog, 1920), precedida de um extenso estudo biográfico e trazendo, em apêndice, a **Notícia dos anos em que se descobriu o Brasil. Quarta edição**, pela Editora Martins na "Biblioteca Histórica Paulista", também aos cuidados de Taunay, que substituiu a extensa introdução da edição de 1920 por uma "súmula biográfica", de menores proporções (São Paulo, 1953). **Quinta edição**, mesma editora, 1975. **Sexta edição**, em fac-símile da anterior, pela Editora Itatiaia (Belo Horizonte, 1975) na coleção "Reconquista do Brasil", v. 20.

Taques refazer o trabalho que perdera em Lisboa, páginas valiosas, mais até que as de Frei Gaspar, sobre nosso passado, mas que o autor não teve oportunidade de ver publicadas.

Isso só veio a ocorrer em meados do século passado, quando seus primeiros trabalhos começaram a ser publicados na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, mas apenas neste século o reconhecimento do valor de sua obra tomou vulto e o ensejo para que tal ocorresse foi a comemoração do bicentenário de seu nascimento, em 1914, por parte do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. A esse trabalho, por assim dizer, de exumação da obra do historiador e linhagista, associa-se de maneira íntima o nome de Afonso de Taunay, a quem se ficou devendo não só as comemorações bicentenárias de 1914, como o empenho na divulgação da vida e obra do autor setecentista. De seu esforço resultou a reedição ou mesmo publicação de diversos escritos de Pedro Taques, como a **História da Capitania de São Vicente, a Informação sobre as minas de São Paulo** e, principalmente, o que se conhece hoje de sua maior obra, a **Nobiliarquia Paulistana**.<sup>8</sup>

Historiador tipicamente regionalista, suas preocupações, no campo da pesquisa histórica, limitaram-se a São Paulo, o que levou Almir de Andrade a lamentar que não fosse ele levado a preocupações mais amplas, no que, aliás, lhe assiste razão, pois a própria **História da Capitania de São Vicente**, contrariando o sentido geral de seu título, constitui, antes, um arrazoado jurídico para provar os direitos do Conde de Vimieiro às terras da antiga capitania de Martim Afonso de Souza.

<sup>(8)</sup> Leme, Pedro Taques de Almeida Pais – **História da Capitania de São Vicente**. São Paulo, Melhoramentos, 1928 – **Informação sobre as minas de São Paulo**. São Paulo, Melhoramentos, 1929 – **Notícias das minas de São Paulo e dos sertões da mesma capitania**. São Paulo, Martins, 1953; novamente editada em 1975 pela Editora Itatiaia (Belo Horizonte, 1975), na coleção “Reconquista do Brasil”. – Notícia histórica da expulsão dos jesuítas do Colégio de São Paulo, no volume **Informação sobre as minas de São Paulo, de 1929**. – **Nobiliarquia Paulistana, Histórica e Genealógica**. São Paulo, Martins, 1953. 3 vols.; reeditada em 1975 pela Itatiaia, de Belo Horizonte, na coleção “Reconquista do Brasil”, nova série, vols. 5, 6 e 7. De Afonso de Taunay, consultar **Pedro Taques e seu tempo**. São Paulo, Museu Paulista, 1922.

Todavia, foi o mesmo Almir de Andrade quem observou um grande significado na obra de Pedro Taques ao lembrar que coube a ele introduzir um elemento novo nos processos de narração histórica até então utilizados no Brasil: o povo. A observação vem a propósito da **Nobiliarquia Paulistana** e são estas textualmente suas palavras: “Antes de Pedro Taques, a história do Brasil se coordenava em torno de figuras de generais, governadores, guerreiros, padres, ordens religiosas. Depois dele, a nossa história passou a considerar também a grande massa, que é a força material de todas as mutações sociais”.<sup>9</sup>

Também do século XVIII é o relato de Manuel Cardoso de Abreu, intitulado **Divertimento Admirável**, que Taunay, em extenso estudo a ele dedicado, considera simples plágio de Frei Gaspar. Todavia, esse relato oferece alguns dados interessantes sobre a época da mineração no centro-oeste do Brasil.<sup>10</sup>

Alguns textos importantes do período colonial, como os de Gabriel Soares de Souza, os **Diálogos das grandezas do Brasil**, o de Diogo de Campos Moreno, e mesmo o clássico Antonil, pouco interesse oferecem para a história paulista, a não ser o de Antonil para indicar sumariamente os primeiros roteiros dos paulistas para as minas. E o movimento academicista do século XVIII, com tanta coisa já divulgada, interessa mais a outras regiões do Brasil, como a Bahia, Minas, Pernambuco e Rio de Janeiro. Assim também tudo o que se escreveu na era pombalina, na qual tanto se beneficiou o norte do país.<sup>11</sup>

(9) Andrade, Almir de – **Os primeiros estudos sociais no Brasil**, p. 171. Rio de Janeiro, José Olympio, 1941. Col. “Documentos Brasileiros”, v. 27.

(10) Abreu, Manoel Cardoso de – **Divertimento admirável para os historiadores observarem as máquinas do mundo reconhecidas nos sertões da navegação das minas de Cuiabá e Mato Grosso**, extraído pela curiosidade incansável de um sertanista paulistense, 1783. “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo”, vol. VI, 1902. Reeditado no volume **Roteiros e notícias de São Paulo colonial**, nº 1 da coleção “Paulística”, São Paulo, Governo do Estado, 1977.

(11) Publicado em 1711, **Cultura e opulência do Brasil**, de André João Antonil, sofreu confisco por parte do Estado português, restando poucos exemplares dessa primeira edição. Há diversas edições, todas a partir de 1920, sendo a mais recomendada a da Cia. Editora Nacional, com intr. e notas de A.P. Canabrava. A mais recente (1982) é a da Editora Itatiaia, na coleção “Reconquista do Brasil”, vol. 70 de nova série.

A restauração de capitania de São Paulo após quase vinte anos de interrupção em sua autonomia administrativa, abriu novas perspectivas para a terra paulista. O governo do Morgado de Mateus (1765-1775) caracterizou-se não apenas pelo desenvolvimento material da capitania – intensificação da cultura da cana de açúcar, visando agora ao comércio internacional, mas também ao povoamento, que praticamente alcançou metade de área de seu território e, conseqüentemente, a necessidade de ampliação e melhoramento de sua rede de transportes, verdadeiro ponto de partida de um desenvolvimento que, inevitavelmente com altos e baixos, não cessou mais, preparando São Paulo para o desempenho de sua condição de “província” do reino que em breve se constituiria.

Época, portanto, propícia ao surgimento de estudos sobre as condições gerais da capitania, de que são exemplos os relatórios de Antônio Manuel de Melo e Castro, o último capitão-general do século XVIII e o de seu sucessor Franca e Horta, os quais se incluem entre as peças bastante raras em nosso país de escritos elaborados por homens do governo. E ainda os trabalhos de Marcelino Pereira Cleto, Santos Vilhena e Santos Chichorro, os dois primeiros reeditados há pouco tempo e este último à espera ainda de quem o queira reeditar. São todos peças indispensáveis como “retrato” de São Paulo na época de transição representada pela presença da corte portuguesa no Brasil.<sup>12</sup>

<sup>(12)</sup> Os relatórios de Melo e Castro encontram-se publicados nos volumes XV e XVIII dos “Anais do Museu Paulista”, São Paulo, 1961 e 1964, e foram largamente comentados por Afonso de Taunay em seus **Ensaio de história econômica e financeira**. Tivemos também oportunidade de deles nos ocupar em **Fontes para a história de São Paulo numa conjuntura de transição**, “Memória da Terceira Semana da História”: 213-223. Franca, 1981. \* O volume **Roteiros e notícias de São Paulo colonial**, a que nos referimos em uma das notas anteriores, reuniu também a **Dissertação sobre a capitania de São Paulo, sua decadência e modo de restabelecê-la**, de Marcelino Pereira Cleto (de 1782), a **Recopilação de notícias sobre a capitania de São Paulo**, de Santos Vilhena (de 1802) e os **Jornais das viagens pela Capitania de São Paulo**, de Martim Francisco Ribeiro de Andrada (de 1803). \* Quanto à memória de Souza Chichorro “em que se mostra o estado econômico, militar e político da Capitania de São Paulo” (1814), encontra-se na “Revista do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro”, tomo 36: 197-267. Rio de Janeiro, 1873.

É como “retratos da província” que encaramos também o “quadro estatístico”, do Marechal Müller, da época da Regência, e, mais tarde, as monografias de Veloso de Oliveira e Joaquim Floriano de Godoy, todas elas referenciais para um melhor conhecimento de São Paulo no século passado.<sup>13</sup>

Já com tantas fontes ao dispor dos pesquisadores, compreende-se que comecem a aparecer estudos mais sistematizados sobre a história de São Paulo, destacando-se, dentre eles, o **Quadro Histórico**, do Brigadeiro Machado de Oliveira e, numa ordem um pouco diferente, os **Apontamentos Históricos**, de Azevedo Marques e a **Cronologia**, de J.J. Ribeiro.<sup>14</sup>

<sup>(13)</sup> Müller, Daniel Pedro – **Ensaio dum quadro estatístico da Província de São Paulo**, ordenado pelas leis provinciais de 11 de abril de 1836 e 10 de março de 1837. São Paulo, Tip. de Costa Silveira, 1838. Reedição “literal”, com biografia do autor e advertência de Eugênio Egas. São Paulo, Seção de Obras de “O Estado de S. Paulo”, 1923. xxx+265p Terceira edição, fac-similar da segunda, com introdução de Honório de Sylos. São Paulo, Governo do Estado, 1978. xxx 266p (Coleção “Paulística”, vol. 11. Matos, Odilon Nogueira de – **Retrato de uma província na época da Regência**. “Memória da Quarta Semana da História”: 167-175. Franca, 1982. \* Oliveira, Antônio Rodrigues Veloso de – **Memória sobre o melhoramento da província de São Paulo, aplicável em grande parte às províncias do Brasil**. “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, tomo 31, 2ª parte: 5-106. Rio de Janeiro, 1868. Segunda edição, com prefácio e notas de Antônio Barreto do Amaral. São Paulo, Governo do Estado, 1978. 106p. (Coleção “Paulística”, v. VI). \* Godoy, Joaquim Floriano de – **A Província de São Paulo: trabalho estatístico, histórico e noticioso**. Rio de Janeiro, 1875. Reedição fac-similar, com prefácio do Brasil Bandecchi, São Paulo, Governo do Estado, 1978, Coleção “Paulística”, vol. XII. Ricci, Maria Lúcia de Souza Rangel – Joaquim Floriano e “**A Província de São Paulo**”, “Anais da XI Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica”; 279-283. Porto Alegre, 1992.

<sup>(14)</sup> Oliveira, J.J. Machado de – **Quadro histórico da Província de São Paulo**, para uso das escolas de instrução pública. São Paulo, Tip. Imparcial, 1864. Segunda edição, São Paulo, Tip. Brasil, 1897. Terceira edição, fac-similar da primeira, com intr. e notas de Célio Debes. São Paulo, Governo do Estado, 1978. Coleção “Paulística”, v. 4. \* Marques, Azevedo, **Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da província de São Paulo**. Rio de Janeiro, 1879. Reed. na “Biblioteca Histórica Paulista”, São Paulo, Martins, 1953 e 1975. \* **A Cronologia**, de J.J. Ribeiro ficou na primeira edição. São Paulo, Diário Oficial, 1899-1901. 2 vs.

O ano de 1894 tem muito significação numa cronologia da historiografia paulista. Nesse ano, surgiram em São Paulo duas instituições às quais muito ficaram a dever os estudos históricos: o Instituto Histórico e Geográfico e o Museu Paulista. O Instituto, que teve como principais fundadores Antônio de Toledo Piza, Domingos Jaguaribe e Estevão Leão Bourroul, pôs-se a publicar, logo no ano seguinte, uma revista, atualmente com mais de oitenta volumes e que, principalmente nos seus vinte primeiros reveste-se de importância fundamental para os estudos da história paulista, não só pelas monografias publicadas, como pela quantidade de documentos que divulgou.

O Museu Paulista, inicialmente pouco cuidava de História. Era mais dedicado às ciências naturais, mais precisamente à zoologia, que era a especialidade de seu primeiro diretor, o naturalista Herman von Ihering. Só depois de muitos anos, quando Afonso de Taunay assumiu a sua direção (1917), foi que ele se transformou num museu histórico, sem prejuízo de suas atividades anteriores. E nossa característica mista, conservou-se até a década de 40, quando as seções de história natural passaram a constituir outro museu. Isto se reflete nas suas publicações. Desde fins do século passado, vinha o Museu editando uma “Revista”, de grande projeção, inclusive internacional, mas dedicada exclusivamente aos estudos de história natural. Assumindo a direção do Museu, entendeu Taunay de criar uma nova publicação que fosse para os estudos de história paulista o que a revista vinha sendo para a história natural. Surgiram, assim, os “Anais do Museu Paulista”, cujo tomo inicial, volumoso de mais de mil páginas, foi publicado em 1922, com o caráter comemorativo do centenário da Independência.

Na longa direção de Taunay, doze tomos dos “Anais” foram publicados, quase todos preenchidos exclusivamente com trabalhos do próprio diretor do Museu, mas alguns deles, especialmente os primeiros, dedicados também à divulgação de documentos relativos ao bandeirismo procedentes dos arquivos espanhóis. Em nosso livro sobre Afonso de Taunay, editado por este Museu, tivemos oportunidade de recensar toda

a produção do grande historiador, sem necessidade, pois, de voltar ao assunto<sup>15</sup>.

Outro evento significativo do fim do século passado: a reorganização ao Arquivo do Estado, que publicou, por vários anos, documentos do mais alto interesse para a história paulistana e paulista: atas da câmara, inventários e testamentos, documentos interessantes, etc, enfim um acervo que nenhum estudioso poderá ignorar.

A divulgação desses documentos, continuada mais tarde por Washington Luís quando prefeito da Capital e depois presidente do Estado, propiciou o aparecimento de importantes obras da historiografia paulista, à luz dessa documentação, entre elas as do próprio Taunay, as de Alfredo Ellis Júnior, Alcântara Machado, Benedito Barros Barreto (“Belmonte”), Otoniel Mota, Tito Lívio Ferreira, Ernani Silva Bruno, Carvalho Franco e tantos outros, obras que certamente não teriam sido possíveis não fora a divulgação sistemática desse precioso documentário.<sup>16</sup>

<sup>(15)</sup> Matos, O.N. – **Afonso de Taunay, historiador de São Paulo e do Brasil: perfil biográfico e ensaio bibliográfico**. São Paulo, Museu Paulista 1977.

<sup>(16)</sup> Para a obra de Taunay, v. a indicação já feita de nosso trabalho sobre o grande historiador \* Um elenco, provavelmente completo do que Alfredo Ellis Júnior publicou em livro, num total de mais de 30 volumes (entre 1922 e 1960), o interessado poderá encontrar em “Notícia Bibliográfica e Histórica”, nº 5: 23-27. Campinas, 1969. \* Machado, Alcântara – **Vida e morte do bandeirante**. São Paulo, 1929; reeditada diversas vezes, a última das quais na coleção “Paulística” (vol. 13), com introdução de Sérgio Milliet. São Paulo, 1978 \* Belmonte, – **No tempo dos bandeirantes**. São Paulo, Melhoramentos, 1939. 253 p \* Mota, Otoniel – **Do rancho ao palácio: evolução da civilização paulista**. São Paulo, Editora Nacional, 1941. 192 p (Col. “Brasíliana”, v. 204. \* Ferreira, Tito Lívio – **Gênese social da gente bandeirante**. São Paulo, Editora Nacional, 1944. 200 p (Col. “Brasíliana”, v. 240 – **História de São Paulo**, 2 vs. São Paulo, Biblos, s.d. \* Do muito que Ernani Silva Bruno escreveu, destacam-se preferencialmente, **História e tradições da cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1953. 3 vols. – **Viagem ao país dos paulistas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966. 152 p.** (Col. “Documentos Brasileiros”, v. 123 – **Memória da cidade de São Paulo: depoimentos de moradores e visitantes**. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1981 – **História do Brasil, geral e regional**, 5º volume. 220 p São Paulo, Cultrix, 1981 \* Franco, Carvalho – **Dicionário-rio de bandeirantes e sertanistas do Brasil**. São Paulo, Comissão do IVº Centenário, 1954, 438p – **Bandeiras e bandeirantes de São Paulo**. São Paulo, Ediotra Nacional, 1940. 340p (“Brasíliana”, v. 181).

E o Arquivo, tal como o Instituto e o Museu, continuam, com os inevitáveis altos e baixos, sua tarefa de divulgar textos significativos para a história paulista, inclusive a reprodução fac-similar de velhos jornais paulistanos, como os que foram publicados durante a administração de José Sebastião Witter (“Cabrião”, “Democracia”, entre outros).

A criação da Universidade de São Paulo (1934) e, com ela, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na qual o ensino da História foi, pela primeira vez, ministrado de maneira sistemática e em nível superior, em São Paulo, estimulou o espírito de pesquisa em todas as áreas abrangidas pela novél instituição. E a História foi largamente beneficiada. A necessidade de trabalhos de grau para atender à carreira universitária estimulou seus docentes a importantes trabalhos de pesquisa e, com isto, obviamente, beneficiou-se a historiografia paulista com trabalhos específicos, preferentemente sobre a história social e econômica. É verdade que nem todos se referiam a São Paulo, pois outras áreas do Brasil também despertaram o interesse dos pesquisadores. Mas, muita coisa que atualmente enriquece a bibliografia histórica paulista derivou desses trabalhos de grau e, às vezes, até de modestos trabalhos de classe.

Iríamos longe se a todos enumerássemos, não contando, ainda, a grande quantidade deles que permanecem inéditos, guardados nas prateleiras da instituição. Mencionemos, para não deixar de exemplificar, os estudos de Emília Viotti da Costa e José Sebastião Witter sobre o regime de trabalho nas fazendas paulistas; o de Heloísa Liberalli Bellotto, sobre o governo do Morgado de Mateus; o de Tereza Petrone, sobre o ciclo do açúcar em São Paulo; o de Suely Robles de Queiroz, sobre a escravidão em São Paulo.<sup>17</sup>

<sup>(17)</sup> Costa, Emília Viotti da – **Da senzala à colônia**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1966. 500 p (Col. “Corpo de alma do Brasil”, v. 19) \* Witter, J.S. – **Ibicaba, uma experiência pioneira**. São Paulo, Arquivo do Estado, 1982. 170 p (Col. “Monografias”, 5) \* Bellotto, Heloísa L. – **Autoridade e conflito no Brasil colonial: o governo do Morgado de Mateus em São Paulo**. São Paulo, Cons. Estadual de Artes e C. Humanas, 1979. 382p \* Petrone, M. Tereza S. – **A lavoura canavieira em São Paulo: expansão e declínio**. São Paulo, Difel, 1968. 244 p (Col. “Corpo e alma do Brasil”, 21) \* Queiroz, Suely Robles de – **Escravidão negra em São Paulo**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1977. xviii+244 p (Col. “Documentos Brasileiros”, 176).

Contribuição valiosa à historiografia paulista, nessa mesma época, foi a de alguns “brazilianists” norte-americanos que enriqueceram nossa bibliografia com trabalhos importantes, vários deles já traduzidos e divulgados em nosso país. É certo que a atenção de boa parte desses pesquisadores voltou-se para outras áreas do Brasil. Mas, gostaríamos de ressaltar a contribuição de pelo menos quatro desses autores norte-americanos que escolheram temas paulistas para seus estudos: Richard Morse, que se interessou particularmente pela evolução da cidade de São Paulo; Warren Dean, que estudou a industrialização de São Paulo; Joseph Love, que analisou o papel de nossa terra na Federação brasileira e Stanley Hilton, que nos legou a mais desenvolvida monografia sobre o movimento de 1932.<sup>18</sup>

O estudo particularizado das grandes figuras da história paulista constitui capítulo até certo ponto pobre em nossa bibliografia. As tentativas de Taunay e de Alfredo Ellis Júnior procurando reconstituir a vida das grandes figuras do bandeirismo, como Raposo Tavares e Fernão Dias, esbarraram em grandes dificuldades resultantes da carência de documentação. Já mais fácil, foi o levantamento biográfico dos paulistas ligados à Independência e à organização do Império, como José Bonifácio e Feijó, que sugeriu diversos livros, sendo de se destacar os de Octávio Tarquínio de Souza. E os paulistas da República, mais ainda, mereceram estudos especiais, como os de J. Sebastião Witter (sobre Francisco Glicério) e João Ribeiro Júnior (sobre Alberto Sales). E os que ascenderam ao governo do Estado e da República, foram demoradamente estudados por Silveira Peixoto (Prudente de Moraes), Célio Debes (Campos Sales,

(18) Morse, Richard – **De comunidade à metrópole: biografia de São Paulo**. Trad. de Maria Aparecida Madeira Kerbeg. São Paulo, Comissão do Quarto centenário da cidade de São Paulo, 1954. 338 – **Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970. 450p (Coleção “Corpo e Alma do Brasil”, v. 30). \* Dean, Warren – **A industrialização de São Paulo, 1880 - 1945**. Trad. de Octávio Mendes Cajado. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971. 272p (Coleção “Corpo e Alma do Brasil”, v. 33) \* Love, Joseph – **A Locomotiva: São Paulo na Federação brasileira**. Trad. de Vera Alice Cardoso da Silva. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. 470p \* Hilton, Stanley – **1932: a guerra civil brasileira: história da revolução Constitucionalista de 1932**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982. 384p. (Coleção “Brasil século XX”).

Washington Luís e Júlio Prestes) e Afonso Arinos de Melo Franco (Rodrigues Alves).<sup>19</sup>

A presença de São Paulo nas Histórias Gerais do Brasil deixa muito a desejar. Ocorrências de outras regiões do Brasil sempre despertaram mais atenção por parte dos autores de livros dessa natureza. São Paulo aparecia apenas (quando aparecia) no capítulo referente à expansão geográfica, e, de maneira um pouco mais acentuada, na história da República, devido à presença paulista no governo do país. Abra-se uma exceção para a importante obra coletiva **História geral da civilização brasileira**, dirigida por Sérgio Buarque de Holanda e Boris Fausto (este, a partir do oitavo volume), no qual certos aspectos da história paulista são bastante valorizados, tratados cuidadosamente por autores que sobre eles se dispuseram a escrever excelentes capítulos. Aliás, convém que se recorde que Sérgio Buarque de Holanda dedicou à história paulista dois dos seus melhores trabalhos.<sup>20</sup>

- (19) Taunay, Afonso de – **A grande vida de Fernão Dias Pais**. São Paulo, Museu Paulista, 1931. Segunda edição, Rio de Janeiro, José Olympio, 1955, Col. “Documentos Brasileiros”, v. 83. Terceira edição, com apres. de Odilon Nogueira de Matos, São Paulo, Melhoramentos, 1977. 158p (Col. “Memória Brasileira”) \* Ellis Junior, Alfredo – **Raposo Tavares e sua época**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1944. 307p \* Souza, Octavio Tarquínio de – **José Bonifácio**. Rio de Janeiro, 1945, 320p (Col. “Documentos Brasileiros”, v. 51) – **Diogo Antônio Feijó**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1942. 332p. (Col. “Documentos Brasileiros”, v. 35). Estas duas obras passaram a integrar a coleção **História dos Fundadores do Império Brasileiro**, sob nos 1 e 7. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957. 10 volumes. \* Witter, J. Sebastião – **Idéias políticas de Francisco Glicério**. Brasília, Senado Federal/Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982. 2 vs. \* Ribeiro Júnior, João – **Alberto Sales: trajetória intelectual e pensamento político**. São Paulo, Convívio, 1983. 241p (Col. “Ensaio”, v. 5) \* Peixoto, Silveira – **A tormenta que Prudente de Moraes venceu**. Segunda edição fac-similar. São Paulo, Imesp, 1990. \* Debes, Célio D. – **Campos Sales: perfil de um estadista**. São Paulo, Francisco Alves/Instituto Histórico e Geográfico, 1977, 2 vs. – **Júlio Prestes e a Primeira República**. São Paulo, Imesp, 1982 – **Washington Luís, 1869-1924**. São Paulo, Imesp/Instituto Histórico e Geográfico, 1994 – Franco, Afonso Arinos de Melo – **Rodrigues Alves**. Rio de Janeiro, José Olympio/São Paulo, Edusp, 1973. 2 vs. (“Col. “Documentos Brasileiros”, v. 155).
- (20) Holanda, Sérgio Buarque de – **Monções**. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1945. 255p. Reed. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976. 163p. – **Caminhos e Fronteiras**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957. 334p (Col. “Documentos Brasileiros”, v. 89).

São Paulo não foi muito beneficiado com a literatura dos viajantes estrangeiros que no século passado visitaram o Brasil. Outras áreas do território nacional atraíram mais a atenção dos grandes naturalistas que deixaram obras valiosas sobre nosso país. Alguns há, contudo, que não podemos omitir, a começar por um dos maiores, Saint-Hilaire, que em 1819 cruzou o território paulista no sentido Norte-Sul, vindo de Goiás e tomando a direção do Rio Grande. Em 1822, já quase às vésperas de sua partida para a França empreendeu uma segunda viagem a São Paulo, a fim de apanhar algumas caixas de amostras botânicas, que deixara em sua viagem anterior; desta vez, percorreu o vale do Paraíba. Como de hábito, Saint-Hilaire fazia preceder seus relatos de viagem de excelentes sínteses históricas das províncias que visitava e a que elaborou sobre São Paulo foi das mais felizes. Eis porque seu nome não pode deixar de ser citado numa bibliografia sobre a história de São Paulo

Diversos outros viajantes – Mawe, Spix e Martius, Beyer, Kidder – estiveram em São Paulo e em algumas cidades mais próximas à capital. Mais para meados do século, Zaluar e Tchudi deixaram excelentes relatos de visitas a fazendas paulistas na região de Campinas, Itu e Limeira, assim como devemos a um antigo colono de Ibicaba, Davatz, um bem fundamentado libelo sobre o regime de trabalho nas colônias de parceria, publicação muito valorizada pelos que têm tratado do assunto.<sup>21</sup>

<sup>(21)</sup> Saint-Hilaire, Auguste de – **Viagem à Província de São Paulo**. Trad. e pref. de Rubens Borba de Moraes. São Paulo, Martins (1940). 375p (“Biblioteca Histórica Brasileira”, v. 2) – **Viagem à Província de São Paulo**. Trad. de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, Edusp, 1976. 229p (Col. “Reconquista do Brasil”, v. 18) – **Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo**. Trad. de Afonso de Taunay. São Paulo, Editora Nacional, 1933. 242p (Col. “Brasílica”, v. 5) – Outra edição: trad. de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, Edusp, 1974. 125p (Col. “Reconquista do Brasil”, v. 11) \* Zaluar, A. Emilio – **Peregrinação pela Província de São Paulo**. São Paulo, Cultura, 1943. 266p (Série “Brasílica”, v. 4). Há mais duas edições: Martins, 1954, (“Biblioteca Hist. Paulista”) e na col. “Reconquista do Brasil”, v. 33, Belo Horizonte, Itatiaia, 1975. \* Tchudi, J.J. – **Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo**. Trad. Eduardo de Lima Castro. Martins, 1952. São Paulo (“Biblioteca Hist. Paulista”). Reed. fac-similiar, Itatiaia, Belo Horizonte, 1980. (Col. “Reconquista do Brasil”, v. 14) – \* Davatz, Thomaz – **Memórias de um colono no Brasil**. Trad. e pref. de Sergio Buarque de Holanda. São Paulo, Martins, 1941. 277p (Bibl. Hist. Brasileira, v. 5).

Não nos parece inútil uma referência a algumas coleções de obras de interesse para a história paulista, duas surgidas por ocasião do quarto centenário da cidade de São Paulo (1954) e outra, bem mais tarde (1978), sob o bafejo oficial do governo do Estado, ao tempo de Paulo Egídio Martins.

A primeira – “Biblioteca Histórica Paulista” – iniciativa da antiga Editora Martins e dirigida por Afonso de Taunay, editou mais de dez volumes de verdadeiros clássicos da historiografia paulista, como as obras de Frei Gaspar da Madre de Deus e Pedro Taques, os **Apontamentos históricos**, de Azevedo Marques, os relatos de viagem de Zaluar e de Luís d’Alincourt, a “segunda viagem”, de Saint-Hilaire e dois volumes constantes de documentos sobre as bandeiras e as monções. Mereceu reedição em 1975.

A segunda, sob os auspícios da Comissão do Quarto Centenário, divulgou três volumes de cartas jesuíticas, o estudo de Richard Morse sobre a evolução da cidade de São Paulo, o dicionário de bandeirantes e sertanistas, de Carvalho Pinto, o dicionário de autores paulistas, de Luís Corrêa de Melo.

Finalmente, a coleção “Paulística”, com mais de vinte volumes, na maior parte constante de reedições de obras antigas sobre São Paulo, muitas das quais já referidas nas notas bibliográficas deste trabalho, como as de Machado de Oliveira, Daniel P. Müller, Alcântara Machado, Adolfo Pinto, Joaquim Floriano de Godoy, Arouche Rendon, Veloso de Oliveira, Afonso de Freitas... e de alguns autores modernos, como Antônio Barreto do Amaral, Melo Nóbrega, Soares de Melo, entre outros.

Aspecto curioso da historiografia brasileira, e que predominou por muito tempo entre nossos historiadores, era o seu caráter monotemático. Cada Estado tinha seu tema favorito e quase não se admitia que alguém pudesse trabalhar fora dele. Assim, os paulistas com relação ao bandeirismo, os mineiros com relação à Inconfidência, os pernambucanos com relação às lutas para a expulsão dos holandeses, os gaúchos com relação à Farroupilha. Hoje, a situação é bem diversa. Isto não significa que esses assuntos estejam superados ou esgotados. Não,

ainda há muito o que pesquisar sobre cada um deles. Apenas eles não constituem mais a única preocupação dos respectivos historiadores. Estão todos descobrindo e investigando outros fatos de seu passado, igualmente ou até mais significativos, nos domínios da história social e econômica, da história cultural, da história das mentalidades, do cotidiano, etc. Assim também a historiografia paulista vê seu leque ampliar-se consideravelmente com novos temas, que nem de longe eram aflorados, talvez nem mesmo suspeitados pelos historiadores do passado. E em muitos casos, conforme mostramos, servindo às carreiras universitárias através de dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Apenas em dois pontos parece-nos ter falhado a nossa historiografia. Primeiro, a ausência de obras significativas para a história das cidades paulistas. Em quase todas elas há pessoas interessadas em rebuscar seu passado, tendo mesmo, muitos, publicados livros a respeito, mas quase sempre na base apenas de crônicas ou reminiscências, de interesse, sem dúvida, mas não o suficiente para preencher os claros da historiografia; ou, então, prendendo-se demasiadamente em discussões estéreis em torno dos nomes dos verdadeiros fundadores das cidades ou das datas exatas de suas fundações. E quase sempre com preocupações polêmicas. Há, contudo, exceções e permitimo-nos citar, entre estas, o caso de Campinas, com os dois importantes livros de nosso saudoso confrade Celso Maria de Melo Pupo, **Campinas, seu berço e juventude** (1969) e **Campinas, um município do Império** (1983). Sob este aspecto, a cidade de São Paulo tem tido mais sorte. Daria um livro o simples arrolamento do que já se escreveu sobre a história paulistana.

Outra lacuna da historiografia paulista: a ausência de obras didáticas ou de natureza geral sobre a História de São Paulo. Temos obras altamente especializadas, elaboradas dentro das mais rigorosas normas metodológicas, que honrariam a historiografia de qualquer país, mas nada temos que chegue ao povo. Entre alguém numa livraria e procure uma "História de São Paulo". Ouvirá esta dura resposta: "Não existe". E não existe mesmo. No entanto, em outros Estados, isso não acontece. Conhecemos pelo menos meia dúzia de Histórias do Rio Grande Sul e três ou quatro do Paraná, para os mais diversos níveis. Por que ninguém teria

se animado, em nossos dias, a escrever livros dessa natureza? Difícil a resposta. No entanto, algumas já tivemos em outros tempos. Conhecemos duas, a de Tancredo do Amaral datada de 1895 e a de Rocha Pombo, de 1919. Ambas traziam a indicação: “Adotada nas escolas públicas do Estado”. Significa isto que já se ensinou a História de São Paulo nas escolas primárias e secundárias. E podemos recuar mais ainda: o **Quadro Histórico**, de Machado de Oliveira, ao qual já fizemos referência, trazia em sua primeira edição, de 1864, a indicação: “para uso das escolas de instrução pública”.